

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO – BACHARELADO**

TAIANE CENTENARO BORGES

**JORNALISMO AMBIENTAL: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM
DA EXTINÇÃO DE ANIMAIS EM DOCUMENTÁRIOS DO *GLOBO*
*REPÓRTER***

Frederico Westphalen, RS
2020

Taiane Centenaro Borges

**JORNALISMO AMBIENTAL: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM DA
EXTINÇÃO DE ANIMAIS EM DOCUMENTÁRIOS DO *GLOBO REPÓRTER***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo – Bacharelado, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM/FW, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Herte de Moraes

Frederico Westphalen, RS
2020

Taiane Centenaro Borges

**JORNALISMO AMBIENTAL: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM DA
EXTINÇÃO DE ANIMAIS EM DOCUMENTÁRIOS DO *GLOBO REPÓRTER***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo – Bacharelado, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM/FW, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Aprovado em 25 de setembro de 2020

Profa. Dra. Claudia Herte de Moraes (UFSM)
(Orientadora)

Dra. Eutalita Bezerra da Silva (UFRGS)

Dranda. Alice Pavanello (UFSM)

Frederico Westphalen, RS
2020

AGRADECIMENTOS

A sessão de agradecimentos sempre foi a parte de todos os trabalhos que, independentemente da temática ou data que foram escritos, me emociona e me motiva a seguir minhas leituras e pesquisas. Nela, podemos sentir toda a sensação de gratidão, alegria e desejo de sair por aí transmitindo informações e conhecimentos pelo tema escolhido.

Agradeço ao meu pai, que me incentivou a aprender mais sobre o meio ambiente e os animais por meio de documentários. Pai, mesmo você nunca tendo conseguido estudar, sempre me instigou a buscar mais, a pesquisar mais e a nunca desistir de ser quem eu quero ser. Mãe, muito obrigada por todos os teus conselhos, por todos os nossos momentos juntas e por toda a força que me transmite. Obrigada por ser sempre cuidadosa e amorosa conosco e com todos os animais que tivemos em nosso lar, me ensinando a amá-los e respeitá-los.

Ao meu irmão que sempre me disse “você consegue”, “você é capaz” e que nunca deixou de tentar me entender; que, independentemente das minhas escolhas ou da distância, esteve e está comigo. Agradeço aos meus nonos, aqueles em que vejo o brilho nos olhos quando falam: “Minha neta vai ser jornalista!” ou “Ela é tão corajosa, não precisa de ninguém”. Mas na verdade, preciso, precisei de todos que passaram no meu caminho, agradeço a todos que me fizeram bem, às vezes apenas com um “Bom dia”, um sorriso amigo, um abraço apertado, aquela carona pra voltar pra casa, aquela indicação para algum *freelancer* ou um “Vai ficar tudo bem!”.

Obrigada Pedro, que sempre buscou formas de me ajudar quando não estava conseguindo render na minha escrita, por medos ou inseguranças. Você me lembrava a todo momento o quanto esse trabalho era/é importante para mim e minha história. Aos meus amigos, amigas e colegas de apartamento, que durante toda minha graduação estenderam a mão para os momentos alegres, as festas, os passeios ao parque e as idas ao bosque da UFSM para matar a saudade do lugar em que cresci, mas que também estiveram comigo nos momentos tristes, dolorosos e difíceis. Obrigada Rafael, Geiciane, Carol, David, Hellen, Diego, Letícia, Daiane, Renan, Rodrigo, Douglas, Renata, Raquel, Lívia, Nina, Alexandre, Emili, Kátia, Patrícia, Jéssica, Mari, Mariluci e Brutos, Francine, Janaína, Laís, Cleusa.

Um agradecimento especial para minha *dog*, Tequila, que me deu muitas lambidas e pulos de alegria nas pausas das atividades acadêmicas, que me ajudou a vencer meus medos e me sentir segura todos os dias.

Agradeço a paciência e atenção da minha psicóloga do início da graduação, Laís, e de minha atual psicóloga, Liana, que sempre me ajudaram a refletir sobre o que, sozinha, não

conseguia ver. Também agradeço a Adriane e Fernanda, minhas duas reikianas e amigas conselheiras. Obrigada a todos os espíritos de luz que me guiaram durante esta jornada e colocaram pessoas cheias de luz, amor e compaixão em meu caminho.

Por fim, a prof^a. Alice Pavanello, que me orientou no TCC I, respondendo todas as minhas dúvidas e questionamentos, sempre com muita paciência, dedicação, carinho e atenção. A prof^a. Claudia Herte de Moraes, que me orientou no TCC II, me indicando quais seriam os melhores caminhos e como poderia melhorar meu trabalho, respeitando o meu processo de construção em meio à pandemia e distanciamento social.

RESUMO

JORNALISMO AMBIENTAL: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM DA EXTINÇÃO DE ANIMAIS EM DOCUMENTÁRIOS DO *GLOBO REPÓRTER*

AUTORA: Taiane Centenaro Borges
ORIENTADORA: Claudia Herte De Moraes

Esta monografia realiza um estudo sobre a abordagem da extinção de animais em documentários veiculados no programa de televisão *Globo Repórter*. O objetivo principal é estudar o modo como os elementos do Jornalismo Ambiental são utilizados, mais especificamente, como o tema é apresentado, sua contextualização, as fontes escolhidas e quais são os recursos audiovisuais utilizados na produção de materiais a respeito da extinção de espécies de animais. O método empregado é a Análise de Conteúdo, que classifica os instrumentos e recursos presentes em determinado conteúdo. Esta metodologia será aqui aplicada em produções audiovisuais. A partir das análises dos documentários escolhidos, este estudo apresenta uma tabela com uma escala de zero a cinco, números que representam os níveis de aprofundamento sobre a extinção de animais nos documentários do GR. Os resultados indicam que 60% destes produtos têm raso aprofundamento da temática, ficando no nível 02; enquanto que os outros 40% alcançaram o nível 04 na escala, levando à conclusão de que nem todos os recursos disponíveis para a elaboração de conteúdos são utilizados e, conseqüentemente, não há aprofundamento da temática ambiental.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental. Documentários. Globo Repórter. Análise de Conteúdo. Extinção de espécies.

ABSTRACT

ENVIRONMENTAL JOURNALISM: A STUDY ON *GLOBO REPÓRTER* DOCUMENTARIES' APPROACH ON ANIMALS EXTINCTION

AUTHOR: Taiane Centenaro Borges

ADVISOR: Claudia Herte De Moraes

This monograph provides a study about the animal extinction approach of documentaries broadcasted by the television program *Globo Repórter*. The main objective is to study how the environmental journalistic elements are used, more specifically, how the theme is presented, its contextualization, the chosen sources, and what are the audiovisual resources utilized in the production of materials regarding animal species extinction. The method applied in this study is the Content Analysis, which classifies the instruments and resources presented in a given content. The method will be applied to audiovisual productions. From the analysis of selected documentaries, a table is presented with a 0 to 5 scale that graduates how depth is the content regarding the animals' extinction on the documentaries of GR. The results indicate that 60% of those products have a weak analysis of the topic, resulting in a grade 02, while the other 40% reached grade 04 on that scale. This guides to the conclusion that not all the available resources to the elaboration of contents are used and, consequently, there is no deepening in the environmental analysis.

Keywords: Environmental Journalism. Documentaries. Globo Repórter. Content Analysis. Species extinction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gavião-real fêmea protegendo seu ninho no município de Alta Floresta (MT).....	33
Figura 2- Urso-negro-asiático, também conhecido com Urso da Lua, no santuário do Laos, na Ásia.....	35
Figura 3- Arara-azul-de-Lear na Estação Biológica de Canudos (BA).....	37
Figura 4- Lêmure Indri na reserva de Maromizaha, em Madagascar.....	39
Figura 5- Periquito-cara-suja na Serra do Baturité (CE).....	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Escala de aprofundamento sobre a extinção de animais nos produtos audiovisuais analisados.....	43
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 COMUNICAÇÃO AMBIENTAL	15
2.2 JORNALISMO AMBIENTAL	18
2.2.1 Fontes jornalísticas.....	21
3 METODOLOGIA	24
3.1 O GLOBO REPÓRTER	25
3.2 DOCUMENTÁRIOS.....	27
3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO	29
3.4 TESTE METODOLÓGICO.....	30
4 ANÁLISES DAS REPORTAGENS DO PROGRAMA <i>GLOBO REPÓRTER</i>	32
4.1 GAVIÃO-REAL.....	32
4.2 URSOS DA LUA	34
4.3 ARARAS AZUIS	36
4.4 LÊMURES	38
4.5 PERIQUITO-CARA-SUJA	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Pautas sobre o meio ambiente estão sendo trazidas para o centro das discussões nos últimos anos, especialmente quando se referem a acidentes trágicos, tais como a contaminação por chumbo de trabalhadores em uma indústria no interior de São Paulo e grandes catástrofes como terremotos, furacões e desmoronamentos. Com isso, surgiram questionamentos que, conseqüentemente, motivaram o despertar de organizações: pequenos grupos de pessoas para a preocupação ambiental (FANTE et. al., 2018).

Apesar de todas as pesquisas¹ acerca das conseqüências negativas da falta de preservação e cuidado com o meio ambiente, há pouca divulgação de dados e as explicações de desastres ambientais são rasas. Em geral, as publicações, sejam elas jornalísticas ou não, se limitam a pesquisadores falando sobre a necessidade de mudanças do ser humano, sem explicar o motivo para que esta modificação seja indispensável. Assim, a conscientização é ainda um grande obstáculo. Muitas pessoas não acreditam que um dia a água potável irá acabar ou que, realmente, espécies de plantas e animais estão sendo extintas. Esses sujeitos também não compreendem que isso pode causar um desequilíbrio no ecossistema, interferindo, mesmo que indiretamente, na vida da atual e futura geração (GIRARDI; LOOSE; BAUMONT, 2011; VILAS BOAS, 2004). Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente e do Instituto Chico Mendes (2014), o número de animais em risco de extinção no Brasil aumentou de 75% para 87% nos últimos 5 anos: de acordo com a lista, apenas da fauna brasileira podem desaparecer cerca de 1173 espécies de animais. Em âmbito global, a publicação de setembro de 2020 do site *ClimaInfo* – que conta com dados retirados do relatório Planeta Vivo², publicado pelo World Wide Fund for Nature (WWF) – esclarece que, nos últimos 50 anos, 68% das espécies do mundo entraram para a lista de extinção. Neste índice estão inclusos mamíferos, aves, anfíbios, répteis e peixes selvagens.

Levando todas essas informações em consideração, pode-se compreender a relevância do Jornalismo Ambiental, principalmente no cenário nacional. Por meio dele, os profissionais da área de comunicação podem trazer esse tema, a extinção de animais, que raramente é discutido com aprofundamento dentro da sociedade. Além disso, o Jornalismo Ambiental abre a possibilidade de sistematização da temática com outras áreas, para que haja maior compreensão dos impactos negativos caso algumas espécies sejam extintas. Sobre as

¹ Entre essas pesquisas estão o *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, e tantas outras realizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), órgão da ONU voltado ao meio ambiente, e também pelo Ministério do Meio Ambiente.

² Disponível em: https://www.wwf.org.uk/sites/default/files/2020-09/LPR20_Full_report.pdf

consequências negativas do desaparecimento de animais, ressalta-se que o ecossistema, normalmente e aos poucos, se reconstrói e substitui o ciclo de cada um dos animais extintos. Porém, este processo está se tornando mais lento e, portanto, não haverá tempo para “repor” as deficiências causadas pelas ações humanas.

Dada a importância do assunto, observa-se que são poucos os veículos de informação destinados à discussão e reflexão sobre a extinção de espécies. Por esse motivo, o trabalho foi inicialmente proposto como uma análise de produtos audiovisuais que abordam a extinção de animais no canal de televisão por assinatura *National Geographic*, da *Fox Networks Group*, em comparação com os documentários do *Globo Repórter*. Entretanto, o conteúdo a ser analisado seria muito extenso. Por esse motivo, e com a intenção de compreender como é o modo de abordagem acerca das informações ambientais no Brasil, restringiu-se o estudo aos conteúdos divulgados pelo *Globo Repórter*, no ar há mais de 40 anos e produzido pela maior emissora do país, a *Rede Globo*. Segundo os sites da *UOL*, *Observatório da TV*, *O Planeta TV*, entre outros, o programa alcançou, em 2005, 2012 e em agosto de 2020, o recorde de audiência do canal. Por ser um programa de uma rede de televisão comercial aberta brasileira, com produção de reportagens audiovisuais que falam sobre o meio ambiente, e por ter um grande alcance, Capoano (2006, p. 22) afirma: “O *Globo Repórter*, programa da Rede Globo de Televisão, pode ser considerado o maior exemplo de como se populariza a imagem da natureza brasileira e mundial ao telespectador”.

Dessa forma, o propósito do presente estudo é compreender o modo com que os meios de comunicação abordam as questões ambientais e a conscientização da necessidade de preservação e cuidados com a natureza. Assim, o problema de pesquisa aqui proposto é: como os recursos do Jornalismo Ambiental são mobilizados na produção de documentários do *Globo Repórter* que visam conscientizar a população dos problemas causados pela extinção de animais?

Os objetivos específicos dessa pesquisa foram traçados com o intuito de estudar como é formada a pauta dos documentários, investigar como é feita a captação dos dados e informações, entender quais são as fontes apresentadas por cada um deles e se elas aprofundam suas pesquisas sobre os impactos negativos da extinção no meio ambiente. Ainda, pretende-se categorizar as fontes presentes nas publicações, analisando a contextualização do tema com os recursos audiovisuais, com o tipo de voz, texto, sons, imagens e linguagem narrativa.

Como embasamento teórico, o trabalho se apoiará em autores que focam seus estudos na área do Jornalismo Ambiental, como Fante et. al (2018), Boas (2004), Girardi (2008;

2012; 2011), Schwaab (2008; 2012), Bueno (2007), Alves (2002), Girardi, Loose, Camana (2015), Portilho (2005), Bueno (2007), Peter (1994), entre outros. Para as descrições sobre fontes, serão utilizados autores como Lage (2001), Pinto (2000) e Schmitz (2011) e Pereira Junior (2010). Já na área de audiovisual destaca-se Nichols (2005). A metodologia selecionada é a Análise de Conteúdo, com amparo de Bardin (2011) e Herscovitz (2010).

Inicialmente, o trabalho realiza uma contextualização teórica sobre o Jornalismo relacionado à comunicação ambiental e ao Jornalismo Ambiental, trazendo os elementos e recursos propostos pelos autores para serem utilizados na elaboração de reportagens na área do meio ambiente. Em sequência, especifica-se a metodologia, que descreve como será o processo de busca e análise dos documentários. Além disso, essa etapa também explicita o que as autoras escrevem sobre o método de Análise de Conteúdo voltado ao objeto de estudo deste trabalho, que serão os documentários do programa de televisão *Globo Repórter*. Ainda na metodologia, será apresentado um teste metodológico. Logo após, serão abordadas as análises realizadas pela autora, a partir de uma tabela de escala de aprofundamento da temática. O estudo finaliza com as considerações finais, que explanam as conclusões e resultados possíveis com base nos dados recolhidos e na investigação realizada.

1.1 JUSTIFICATIVA

Ao tratar sobre temáticas ambientais, duas questões surgem: como é possível entender que cuidar da natureza é preciso, se as informações que chegam até a sociedade no geral são rasas, simples e até mesmo equivocadas? Como proteger algo sem a exata noção de que esse elemento está em perigo? Pensando nisso, as razões de escolha desta temática giram em torno da preocupação de transmissão de informações ambientais que alcancem o maior número de pessoas possíveis para que, assim, entenda-se a importância da preservação e conservação do meio ambiente.

Bardin (2011) aborda a noção de comunicação. No conceito geral, existem os polos de comunicação: o emissor (ou emissores) é aquele que constrói uma mensagem, conteúdo ou produto, que chega até o receptor. O receptor interage com a mensagem que pode ser analisada, criando um canal de comunicação entre grupos e indivíduos. Em resumo, a comunicação reflete o ato de comunicar e, por meio dela, pode-se responder perguntas, informar, criar questionamentos e esclarecer dúvidas.

Sendo assim, quando se trata da comunicação conectada com o meio ambiente, inclui-se na discussão o termo “comunicação ambiental”. Bueno (2007) e Aguiar (2011) postulam

que a comunicação ambiental faz referência ao ato de falar sobre a natureza, pesquisar, questionar e responder dúvidas acerca de assuntos ambientais, da fauna e da flora, independentemente da área de atuação do comunicador. Bueno (2007), Schwaab (2008), Girardi (2012) e Massierer (2011) exploram os conceitos da comunicação ambiental. Com isso, compreende-se que, dentro dessa área, está o Jornalismo Ambiental, particularizado por um profissional do Jornalismo.

Em síntese, estudar sobre os elementos utilizados na construção de conteúdos que abordam a extinção de animais possibilita a compreensão da importância da utilização desses recursos. Reforça-se, assim, a influência que os profissionais da área possuem, devido ao alcance de seu público. Por isso a necessidade de produzir matérias com responsabilidade, comprometimento e aprofundamento da temática, realizando pesquisas e apuração para que aconteça a transmissão de informações corretas e para que as dúvidas da população sejam respondidas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Jornalismo Ambiental tem o intuito de construir uma visão na qual todos os sujeitos estão conectados e precisam proteger o meio ambiente. Essa construção ocorre através da ampliação do número de fontes consultadas e expostas e de uma profundidade no conteúdo para que o público entenda a importância da preservação. Schwaab (2008), Girardi (2012) e Massierer (2011) explicam que essa visão ainda é um grande obstáculo, pois o Jornalismo acaba sendo desassociado do Jornalismo Ambiental: o primeiro é conceituado como uma função social; já ao segundo é relegado um papel secundário, como se ele apenas realizasse simples anotações. No entanto, o Jornalismo Ambiental tem o objetivo de estudar e pesquisar sobre assuntos importantes que influenciam em diversas outras áreas, e é neste ponto que está pautada sua relevância. Todavia, quando não realizado de modo correto, devido à dissociação das áreas, a temática não é aprofundada e a área é colocada em segundo plano.

2.1 COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

A Comunicação Ambiental (CA) vai muito além das manifestações jornalísticas e os profissionais da área devem assumir a postura de união da pauta ambiental com outros editoriais, sendo a CA “todo o conjunto de ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/promoção da causa ambiental” (BUENO, 2007, p. 34).

Aguiar (2011) apresenta a comunicação ambiental como uma área de conhecimento e o Jornalismo Ambiental como “mudança paradigmática”, por ser um conceito que antes era descrito como Jornalismo Científico e, aos poucos, se tornou independente. Bueno (2007) delimita a comunicação ambiental, explicando que ela e o Jornalismo são compreendidos como a transmissão de informações. Entretanto, Bueno (2007) destaca que, quando se pensa em comunicação ambiental, observa-se inúmeras formas de transmissão de dados sobre meio ambiente, os quais não precisam ser produzidos por jornalistas, ou seja, não são jornalísticos. É neste ponto que a comunicação ambiental se diferencia do Jornalismo Ambiental: esse último é realizado pela organização de jornalistas que falam sobre meio ambiente. Sendo assim, Bueno (2007) e Aguiar (2011) escrevem que o Jornalismo Ambiental é mais específico, com função atribuída a um profissional do Jornalismo, e pode ser visto como um produto da comunicação ambiental, que é mais ampla.

A divisão e fragmentação da temática ambiental acaba afetando a transmissão e o entendimento da informação, enfraquecendo o grau de importância e comprometimento da população sobre suas ações, que interferem na preservação e nos cuidados com a natureza. Por isso, autores como Schwaab, Girardi (2008) e Bueno (2007) reforçam a necessidade de investigação e explanação de dados sobre as consequências futuras das falhas humanas de hoje e a origem das catástrofes ambientais que aconteceram até a atualidade.

Bueno descreve os produtos que se classificam como comunicação ambiental: os folhetos, as campanhas publicitárias, os vídeos ou filmes, as palestras que abordam temas ambientais e as “ações espetaculares contra tecnologia nuclear ou os transgênicos (como as empreendidas pelo Greenpeace), livro sobre temas variados (mudanças climáticas, biodiversidade proteção dos conhecimentos tradicionais, etc.)” (2007, p. 34). Dessa forma, Aguiar e Cerqueira (2012) definem a comunicação ambiental como constitutiva e pragmática. Isso significa que ela representa a natureza e os problemas ambientais e propõe solucionar esses contratempos a partir do estudo da comunicação ambiental, responsável por construir uma relação entre meio ambiente e seres humanos. Em contrapartida, Belmonte (2017) descreve sobre as condições de produção que precisam ser pensadas em um tempo curto. O autor expõe que, em sua totalidade, a comunicação é interação e que “assumir essa perspectiva interacionista tem consequências” (BELMONTE, 2017, p. 120). Marcondes (2008) acrescenta que além da cobrança por agilidade e produtividade, os recursos financeiros normalmente também são limitados.

Isto posto, Girardi et al (2018) afirmam que debates e discussões se tornam cada vez mais relevantes para que o interesse da população sobre esse a temática ambiental seja maior.

No entanto, Fonseca (2004) ressalta o despreparo dos profissionais da área de comunicação para a produção de materiais sistêmicos que abordem problemas ambientais. O autor vai além, afirmando que o desinteresse da população se dá devido às contradições dos produtos que são divulgados sobre o assunto. Vilas Boas (2004) difere quanto à falta de preparo dos profissionais, afirmando que existem jornalistas qualificados para realizar este aprofundamento. Entretanto, esses profissionais, em sua maioria, preferem não abordar o tema, uma vez que seguir a vertente social em um país que está no “lado pobre do mundo” é uma escolha difícil (VILAS BOAS, 2004, p.11). Por esse motivo, a conscientização sustentável, ou seja, a realização de ações de preservação dos recursos disponíveis na natureza, principalmente no Brasil, tem sido tratada como algo inacessível e vem ocupando o espaço inferior nos jornais (VILAS BOAS, 2004). Alves (2002) escreve sobre o mal-uso da mídia nesse processo de conscientização de proteção ao meio ambiente. O estudioso afirma que, no geral, o meio midiático estimula a valorização do capitalismo, desrespeito e desperdício. Além disso, os principais produtos dos meios de comunicação gratuitos mostram que “a natureza é substituída por espaços urbanos” (ALVES, 2002, p. 2).

Peter (1994, p. 13) escreve em uma perspectiva diferente, devido ao contexto social e econômico em que estava inserido e até mesmo porque seus estudos e pesquisas têm mais de vinte anos. O autor defende que há cinco décadas atrás não se tinha uma preocupação ambiental, o que atualmente não é mais um problema: “a maioria das agências de notícias reconhece que o meio ambiente é uma grande fonte de pautas e, sempre que possível, mobiliza sua estrutura para cobrir o assunto”. Porém, Peter concorda que o tema é complexo, pois abrange várias editorias e “transcende as fronteiras” (PETER, 1994, p. 13). O autor também ressalta que, em países subdesenvolvidos, os prejuízos ambientais são maiores e, portanto, as publicações devem ter maior divulgação e aprofundamento (PETER, 1994). Diante disso, Vilas Boas (2004), Bueno (2007) e Marcondes (2008) explanam sobre a dificuldade que nações não desenvolvidas possuem de priorizar o meio ambiente, principalmente quando o pensamento sustentável é colocado como algo que irá prejudicar o capital financeiro do país. Nesse sentido, Peter conclui que “em tais circunstâncias, reportagens bem pautadas e bem escritas são ainda mais necessárias”. (1994, p. 13).

Pensando na relevância da temática e das reportagens que a abordam, Bueno (2007) e Peter (1994) descrevem como os profissionais da área de comunicação devem produzir materiais com foco ambiental. Peter (1994, p. 18-19) postula: “os jornalistas devem ter conhecimentos básicos acerca dos pontos de vista da fonte, do assunto da entrevista” e “checar as informações com o máximo de fontes possíveis”. Bueno (2007, p. 37), afirma que

o profissional “precisa ter uma visão mais abrangente do tema (ou pelo menos buscar tê-la sempre)”, acrescentando que “ele não é um profissional que contempla a distância o seu objeto, mas um cidadão que se contamina com ele”. Bueno (2007) destaca a importância de não direcionar estes materiais jornalísticos em prol de um determinado grupo e, assim, causar uma maior legitimação deste: a comunicação precisa tomar cuidado para não privilegiar apenas uma parcela da população, deixando de lado seu principal objetivo, que é ser entendido por todos.

2.2 JORNALISMO AMBIENTAL

Visando diferenciar os conceitos de Jornalismo e Jornalismo Ambiental, pode-se afirmar que o último “caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que atuam na imprensa. Ele está definido tanto pelas matérias/colunas/editoriais/caderno sobre meio ambiente publicado na mídia de massa” (BUENO, 2007, p. 34). Marcondes (2008) ressalta a dificuldade de recursos financeiros para a produção de materiais com grande apuração e credibilidade sobre Jornalismo Ambiental e completa: “o mercado não sabe trabalhar com valor, apenas com preço” (MARCONDES, 2008, p. 30). Ou seja, a preocupação não é com a qualidade do que está sendo transmitido, mas sim com produtos que atraiam o consumidor para que haja lucratividade.

O autor ainda considera o Jornalismo Ambiental como uma forma de comunicar, mas não como um agente transformador de atitudes, uma vez que o material divulgado não está vinculado a grandes parcerias e/ou nomes, fato que daria visibilidade à temática. Belmonte (2017, p. 122) acrescenta que o engajamento dessa área do Jornalismo, “que pretende mobilizar a sociedade para os desafios ambientais do século XXI, pode e deve ser potencializado com as técnicas contemporâneas de apuração, como as do Jornalismo guiado por dados”.

Dornelles (2008) concorda com Belmonte (2017), à medida que defende a insuficiência atual das técnicas do manual de Jornalismo: os profissionais da área da comunicação que querem adentrar no Jornalismo Ambiental precisam deixar a neutralidade e a imparcialidade de lado. A autora postula que “a pauta ambiental precisa fundamentalmente desempenhar uma função pedagógica, sistematizando o conceito, disseminando informações, conhecimentos e vivências, ou seja, dando condições para que o cidadão comum participe do debate” (DORNELLES, 2008, p. 122). Belmonte (2017, p. 122) também reflete sobre o assunto, concluindo que “o capítulo atual do Jornalismo Ambiental

brasileiro vem sendo escrito em um planeta mais quente, mas injusto e mais conectado. O reconhecimento de sua história é uma contribuição importante na luta por um planeta mais justo e sustentável”.

Portilho (2005) afirma que o padrão do consumismo atual é, principalmente, insustentável e que existe a tentativa de inserir um novo ambientalismo, cujo intuito é reduzir o consumismo exagerado e a exploração excessiva. Por esse motivo, todo o processo de integração de um jornalismo íntegro e aprofundado em conjunto com o modelo ambientalista é algo distante e demorado, que se conecta diretamente com as questões financeiras e de classes sociais. No cenário atual, uma pequena parcela da população é beneficiada, enquanto a maior parte não recebe nada de todos esses recursos. Mais além, Portilho (2005, p. 23) expõe que “o consumo total da economia humana tem excedido a capacidade de reprodução natural e assimilação de rejeitos da ecosfera, enquanto fazemos uso das riquezas produzidas de uma forma socialmente desigual e injusta”.

Ainda sobre essa questão econômica, Schwaab (2008) questiona a mídia, que produz materiais referentes ao meio ambiente: estaria ela preocupada com a melhoria dos cuidados ambientais ou apenas se apropriando do novo modelo ambientalista para lucratividade e promoção? Diante disso, Schwaab e Girardi (2008) afirmam que o Jornalismo Ambiental deve ser compreendido de forma ampla e constituído por meio de informações. Deste modo, os profissionais da área de comunicação têm grande responsabilidade na produção de um conteúdo que alcance a maior quantidade de lugares e seja entendido como algo necessário, conscientizando e moldando ações e hábitos do público. Além disso, Alves (2002) fala do meio ambiente como destaque principal do Jornalismo Ambiental, o qual é visto como uma especialização do Jornalismo.

Contextualizando, Bueno (2007) expõe que cada pessoa faz um uso diferente do termo meio ambiente. Com isso, tanto a compreensão da comunicação ambiental quanto do Jornalismo Ambiental fica prejudicada. O autor defende a necessidade de uma conceituação mais conclusiva sobre o termo meio ambiente, ao mesmo tempo que propõe essa noção: “meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico” (BUENO, 2007, p. 35).

As pesquisas de Girardi, Loose e Camana (2015) vão ao encontro da visão de Bueno (2007), que ressalta a importância de se fazer um Jornalismo Ambiental comprometido, visando o bem comum, que não seja encarado como propriedade de um único grupo. Sendo assim, este Jornalismo deve ser democratizado, utilizando não apenas fontes específicas e de

modo complexo: as informações devem ser abordadas de forma ampla, com todos os tipos de fontes, trazendo experiências e reflexões, além de todo conteúdo técnico e especializado. Girardi, Loose e Camana (2015) destacam alguns requisitos que devem ser seguidos para a elaboração de matérias na área do Jornalismo Ambiental, como:

apresentar uma visão sistêmica dos fatos; reconhecer a complexidade dos eventos ambientais que não podem ser reduzidos e formatos simplistas; contemplar a diversidade dos saberes e não ficar refém de fontes oficiais (que são importantes, mas não são as únicas); defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; e assumir seu papel educativo, cidadão e transformador.

Peter (1994) organiza uma sequência de elementos, aos quais ele atribui o sucesso das pautas ambientais. As tarefas para alcançar o êxito nas reportagens desse campo jornalístico incluem realizar uma triagem de informações contatando fontes variadas e com pontos de vistas diferentes; ter uma lista de fontes confiáveis; verificar as informações; pesquisar sobre o assunto antes de realizar as entrevistas com as fontes; ser gentil e não ser tímido para pedir que a fonte repita alguma informação ou explique com clareza termos científicos; e ser claro e objetivo.

O autor aponta também que o jornalista deve realizar uma contextualização com informações básicas para depois aprofundar o tema; responder a todas as perguntas; enriquecer o texto com descrições; utilizar verbos de ação e estatísticas; explicar o contexto; relacionar áreas distintas para causar a humanização; dar maior impacto ao assunto tratado; e lembrar sempre que está falando e escrevendo para o grande público. Porém, Peter (1994) adverte que é preciso tomar cuidado para não exagerar, não ser sensacionalista. Por isso a necessidade de “se basear num sólido raciocínio científico e não em declarações levianas e especulações infundadas” (PETER, 1994, p. 27).

Bueno (2007) fala sobre alguns dos elementos necessários para a produção de uma reportagem ambiental que alcance o maior número de pessoas e seja entendida. Entre os elementos estão os aspectos sobre neutralidade e objetividade. O autor explica que, na prática, toda construção de uma reportagem e discurso tem um caminho seguido, pesquisas, leituras e compromisso do profissional; por esse motivo, não se pode ser imparcial. Ele acrescenta que, além do comprometimento, é preciso ter uma visão ampla, com planejamento e engajamento, e afirma: “a reportagem ambiental é sempre uma reportagem necessária” (BUENO, 2007, p. 36).

Bueno (2007) ressalta que o problema não está na construção das reportagens, mas sim na disposição do jornalista durante essa elaboração de material. Assim, o autor descreve e aprofunda sua escrita sobre os aspectos relevantes na construção das reportagens: Os principais pontos a serem considerados na construção de reportagens jornalísticas no campo do meio ambiente são o comprometimento com a pauta ambiental; debates sobre o assunto; a reflexão para além da economia e a ciência, incluindo também as questões sociais, políticas e culturais; a desconstrução das soluções ilusórias para os problemas; e a ênfase nas mudanças de atitudes: mesmo que pequena, cada ação influencia de forma significativa e, aos poucos, traz melhorias. Para Bueno (2007, p. 43), “a pauta ambiental deve esclarecer, dialogar, indicar caminhos, buscando aproximar-se daqueles que fazem as coisas acontecerem”.

Belmonte (2017) expõe, com um olhar singular, que a necessidade de aprofundamento vai além da busca e inclusão de uma grande variedade de fontes e da divulgação de matérias ambientais bem elaboradas, claras e concisas: esses aspectos por si só não são suficientes para que haja uma verdadeira conscientização ambiental. O autor destaca que “esse texto, ou informação, só vai gerar ação se o seu sentido for construído em parceria com outros setores da sociedade” (BELMONTE, 2017, p. 120). Ou seja, o Jornalismo ambiental precisa estar interligado com outras editorias, como a política, a economia, a cultura, a saúde, para provocar mudanças e gerar transformações benéficas. Deste modo, Belmonte (2017) segue a linha de pensamento de outros autores que priorizam a importância de um JA sistêmico e comprometido. Assim, de acordo com Moraes (2016, p. 78), o Jornalismo Ambiental “olha para a sociedade a partir do saber ambiental e com as lentes da visão sistêmica, beneficiando sobretudo a informação e a cidadania.”

Os autores apontam que esse campo jornalístico, quando incorporado a outras áreas e realizado com responsabilidade, é revolucionário e pode moldar pensamentos e atitudes de modo positivo, construindo uma conscientização de preservação da natureza (GIRARDI, LOOSE, CAMANA, 2015; BUENO, 2007; SCHWAAB, GIRARDI, 2008; MASSIERER, 2011; MORAES, 2016).

2.2.1 Fontes jornalísticas

Para falar a respeito das fontes utilizadas, Bueno (2007) faz uso do termo “lattelização” que, em resumo, significa a importância que muitos profissionais da comunicação dão a títulos acadêmicos quando buscam informações ambientais. Ao mesmo tempo, esse conceito dá conta do esquecimento a que são relegadas as pessoas comuns que,

muitas vezes, tem uma grande bagagem de conhecimento prático sobre a fauna e flora da região em que vivem ou das regiões que viveram. Por conta desse fato, ocorre a exclusão de pessoas que agregariam dados relevantes aos produtos midiáticos. O resultado é o menor acesso à informação e até a desvalorização de um assunto que deveria ser levado a sério.

Quando se fala sobre a escolha de fontes, Pereira Junior (2010) define alguns critérios que são utilizados pelos jornalistas durante a apuração e construção de uma notícia, destacando a hierarquia, a produtividade e a credibilidade das fontes usadas. A hierarquia representa o poder de persuasão de que as fontes dispõem. Corresponde, portanto, ao momento em que o jornalista pensa mais no modo de convencimento do público do que no conhecimento que o material transmite. A produtividade diz respeito à priorização de fontes que agregam um número maior de informações e que, conseqüentemente, diminuem o tempo e esforço dedicados na apuração. E, por fim, a credibilidade representa a confiança do profissional em suas fontes: se as informações de uma entrevista são verificadas e confirmadas, provavelmente a fonte será contatada novamente para reportagens e materiais jornalísticos futuros.

Os princípios descritos pelos autores Bueno (2007) e Peter (1994) conversam entre si. No entanto, alguns estão interligados diretamente, como é o caso do procedimento de captação de informação e a necessidade de embasamento antecipado sobre o assunto, do ponto de vista do profissional que irá construir uma reportagem ou qualquer produto midiático na área ambiental. Eles afirmam que o profissional deve pesquisar informações e, se possível, se aprofundar estudando previamente, buscando fontes diversificadas, conversando com pessoas de áreas distintas, investigando a relação que suas fontes têm com empresas, organizações, institutos, partidos, entre outros. Belmonte (1997) descreve sobre a indispensável verificação e sondagem das informações e dados obtidos durante as entrevistas. Bueno (2007, p. 50) ainda acrescenta que é necessário desconfiar das pessoas que se disponibilizam para coletivas de imprensa organizadas por empresas: “o negócio é investigar, tentar descobrir, imaginando sempre que, se a informação favorece a fonte que a anunciou ou a empresa para quem ela serve, talvez possa não ser absolutamente verdadeira”. Para o estudioso, “desconfiar é a melhor alternativa e uma boa dica é repetir sempre: ‘todas as fontes têm compromisso’ ou ‘não existe almoço grátis’” (BUENO, 2007, p. 50).

Pena (2018) e Lage (2001) destacam que a pauta de uma reportagem surge a partir de um assunto de interesse público, que precisa ser explorado, investigado e interpretado, com uma intenção jornalística. A reportagem, portanto, aprofunda e fragmenta os fatos, examinando-os e utilizando dados, o que a torna mais complexa. Assim, Lage (2001, p. 49)

postula que “a informação jornalística é o espaço privilegiado da reportagem especializada” e também afirma que esse tipo de matéria “dá conta de um estado-de-arte, isto é, da situação momentânea em determinado campo de conhecimento”.

Pena (2018) explica que a reportagem documental é o modelo que utiliza imagens, tendo um perfil de credibilidade por meio do uso de documentos e depoimentos com argumentos e informações coerentes. O autor também constata que “a televisão é um veículo que oferece mais recursos para a produção desse modelo de reportagem, já que dispõem não apenas da retórica do repórter, mas do efeito ‘demonstração’ das imagens com o movimento e a cor” (PENA, 2018, p. 75). Além disso, ele define as reportagens como matérias que viabilizam uma maior repercussão e aprofundamento de assuntos e fatos, na tentativa de envolver o público, fazendo com que pautas complexas tenham maior visibilidade e interpretação.

Pena (2018, p. 78) acrescenta que os principais critérios de noticiabilidade em uma reportagem são: “ser factual, despertar o interesse do público, atingir o maior número de pessoas, coisas inusitadas, novidades, personagens e boas imagens”. Lage (2001) enfatiza que a reportagem é um produto jornalístico que utiliza fatos, história, fontes, depoimentos, sons, imagens com a função de socialização e afirma que ela “se põe a serviço do marketing – mesmo na mais sofisticada ou clássica expressão artística, já que todo produto cultural é comercializável. Só que a tarefa do jornalista não é a venda do produto e sim de um padrão de gosto” (LAGE, 2001, p. 52).

Em relação às fontes, Lage (2001) descreve, como Bueno (2007), Belmonte (1997) e Peter (1994), que as informações disponíveis em materiais jornalísticos devem estar conectadas às fontes, ou seja, aos dados passados por elas para os profissionais. Por este motivo, se torna importante a verificação do que foi transmitido e também a diversidade de fontes que abordem um mesmo assunto. Lage (2001) esclarece ainda que o dever de se preparar previamente para a entrevista, chegar até a fonte, verificar as informações, entre outras coisas que determinam a produção de uma boa publicação, dependem da qualidade da apuração de informações, a qual é responsabilidade do jornalista.

Entre esses direitos das fontes, destacam-se a garantia de sigilo, quando a fonte não quer ser identificada, e a garantia de que não haverá mudanças das informações prestadas por ela. Outra regra delimitada é a de não invadir a privacidade da fonte, que pode variar de acordo com a vida de cada indivíduo. Os autores advertem sobre os impactos negativos que podem surgir caso sejam denegridos os direitos das fontes ou se as mesmas não cumprirem com seus deveres. O principal dever é, vale ressaltar, transmitir informações verdadeiras, da

mesma forma que o disseminador desta deve compactuar da veracidade destes informes. (PINTO, 2000; LAGE, 2001; SCHMITZ, 2011).

Lage (2001) classifica as fontes entre três grupos, subdivididos em mais categorias. São elas: fontes oficiais, oficiosas e independentes, fontes primárias e secundárias e fontes em testemunhas e *experts*. As fontes oficiais são, em geral, as instituições, empresas, organizações, sindicatos e associações. Estas, muitas vezes, são vistas como mais confiáveis; mas em alguns casos, como Lage (2001, p. 28) afirma, “falseiam a realidade. Fazem isso para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas internas pelo poder”. As oficiosas são fontes que mesmo “reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido” (LAGE, 2001, p. 28). Já na categoria de fontes independentes são enquadradas pessoas que trabalham em organizações sem fins lucrativos.

Pessoas que fornecem os fatos, as versões e os dados iniciais são consideradas fontes primárias, pessoas comuns que trabalham na prática com determinado assunto. As fontes secundárias são sujeitos que têm contato com a prática, mas também com a teoria do mesmo assunto. Nesse sentido, tem-se as fontes de testemunhas que também descrevem fatos, confirmados por mais de duas pessoas que não se conhecem e não mantêm contato. Assim, as fontes *expert* são, basicamente, os especialistas e estudiosos de cada temática. Sobre as últimas, Lage (2001, p. 29) observa: “é preciso não abandonar um tema sem que se tenha entendido a explicação; afinal, é difícil escrever sobre algo de que não se tem um modelo mental consistente”. O autor também ressalta que ressalta “é conveniente ouvir mais de um especialista e variar os especialistas que se ouvem” (LAGE, 2001, p. 29- 30).

Com a leitura destes diferentes autores, que produzem reflexões sobre o jornalismo e o meio ambiente desde os anos 1990, conclui-se que há diversidade de olhares, no entanto identifica-se uma proposição comum sobre a necessidade de um empenho individual do profissional como fator primordial para definir o êxito das reportagens ambientais, no que tange tanto à conscientização quanto ao esclarecimento da população.

3 METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho foi uma análise de conteúdo embasada pelas autoras Bardin (2011) e Herscovitz (2010). Para a escolha do *corpus* de análise, realizou-se várias pesquisas utilizando as palavras chaves “Extinção de animais”, entretanto os conteúdos encontrados eram voltados apenas para a lista de animais em extinção sem

aprofundamento dos motivos dessa extinção ou de suas consequências, também as publicações estavam desorganizadas, matérias sobre a extinção junto a publicações sobre outras áreas ou, ainda, materiais que prometiam um conteúdo focado na extinção, mas que acabam trazendo apenas informações básicas, como por exemplo, características e biodiversidade dos lugares. A partir disso direcionamos as pesquisas para o site do *Globo Repórter*, vinculado ao site da *Globo* e disponível na internet. Ao longo dessa investigação, foi feito um mapeamento de todas as edições disponíveis e encontradas quarenta reportagens que abordam o tema de extinção e preservação de animais, divulgadas pelo *Globo Repórter* entre os anos de 2010 a 2019. Inicialmente, para encontrar este site, foram utilizadas as palavras chaves “globo repórter edições sobre extinção”, que direcionaram à página³ na qual constam todas as edições a partir de 2010. Desse modo, assistimos todas as reportagens encontradas, então foram selecionadas dez reportagens pelo critério das quais tinham como tema principal a extinção de animais. Após, foi realizada a descrição das dez e, após análise inicial, cinco foram escolhidas pois foram as que mais se aprofundaram sobre a noção de extinção e estão de acordo com a definição de reportagem proposta por Bueno (2007), Peter (1994), Lage (2001) e Pena (2018).

3.1 O GLOBO REPÓRTER

O *Globo Repórter* (GR), conforme publicado no site da *Rede Globo*⁴, é um programa de televisão que visa transmitir e aprofundar acontecimentos jornalísticos e assuntos diversos, entre eles a cultura, meio ambiente e saúde. O programa teve sua primeira transmissão em 1973: inicialmente, ele ia ao ar uma vez por mês e, cinco meses depois, semanalmente, com materiais internacionais e nacionais que abordavam até quatro assuntos. No ano de 1983, aconteceram algumas mudanças no formato do programa. A principal delas foi o modelo de um jornalista em estúdio, como é atualmente, e reportagens direcionadas apenas para um assunto semanal. O programa detém o título de ser a atração mais longa da história brasileira, há 46 anos trazendo informações em rede nacional aberta.

No livro *O povo fala: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira* (2001), o diretor e produtor de cinema João Batista de Andrade escreve sobre a produção de documentários para o *Globo Repórter*, reafirmando, desta forma, que os materiais publicados

³ Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/edicoes/2015/03/06.html#!v/4>.

⁴ Disponível em: <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGR0-2698,00.html>.

pelo programa se enquadram na categoria documentários. Ele também descreve a equipe de jornalistas e documentaristas que constroem os produtos audiovisuais.

Para falar mais sobre outros trabalhos que realizam uma análise dos produtos produzidos pelo GR, cita-se a dissertação de mestrado “Globo Repórter: imagens veladas da natureza” pesquisa realizada por Edson Capoano em 2006. Em seu trabalho, Capoano (2006) contextualiza a história do programa, suas origens e formatos de produtos, realizando uma análise sobre alguns desses produtos audiovisuais com o objetivo de entender se o GR pode ser considerado um programa ecológico, mesmo não se intitulando com um. O pesquisador também investiga como as informações são disponibilizadas para o telespectador, focando sempre em atingir o lado emocional do público, com as cenas coloridas e bonitas.

O livro *Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia* (2013) apresenta vários artigos de pesquisas com foco ambiental, entre elas o de Juliana de Oliveira Vicentini e Antônio Ribeiro de Almeida Júnior, intitulado “Um estudo da Amazônia do Globo Repórter”. Nesse estudo, os autores falam sobre a importância da transmissão de informações para a população e, como no trabalho de Capoano (2006), analisam os produtos do GR que possuem a tendência de mostrar a beleza da natureza para, assim, ter maior alcance.

Por fim, acrescentam-se outros trabalhos que realizam pesquisas semelhantes aos anteriores e à proposta do estudo aqui proposto. Entre eles, temos a pesquisa de Maria Gorete de Linhares e Wilma Peregrino de Moraes, chamada “Diversidades de um discurso sobre o meio ambiente” e datada de 2002; os artigos “As Representações de Meio Ambiente na Mídia Televisiva”, de Danielle Tavares Teixeira, em 2012, e “O meio ambiente na TV: Uma breve análise do discurso ambiental da televisão brasileira”, por Luiz Alberto Fonseca de Lima Filho e Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes, de 2015; a dissertação de mestrado “O discurso ambiental da TV: a Amazônia do ‘Globo Repórter’” (2013), de Juliana de Oliveira Vicentini; e a monografia de conclusão de curso “O Globo Repórter faz jornalismo ambiental? A natureza brasileira abordada como jornalismo de INFOtenimento nas grandes reportagens”, escrita por Patrícia Soldatelli Valente em 2013.

Evidentemente, cada um tem seu objetivo específico e singular. Por exemplo, o trabalho “Os Modos de Endereçamento do Globo Repórter”, de Camila Filgueiras Pimentel, estuda a estruturação dos relacionamentos entre os conteúdos divulgados pelo *Globo Repórter* e o telespectador, mas possui menos enfoque ambiental que outros indicados aqui. Diferentemente, a dissertação “Meio ambiente no telejornalismo: efeitos de sentido sobre preservação no Nordeste *Viver e Preservar*”, de Eutalita Bezerra da Silva, analisa os efeitos

de sentido de reportagens que falam sobre meio ambiente e suas imagens em um programa de televisão jornalístico.

Em sua grande maioria, os trabalhos citados apresentam conteúdos que falam sobre a Amazônia, floresta considerada o pulmão do mundo. Essas abordam um destaque mundialmente conhecido e vinculam uma imagem exposta internacionalmente pelos meios de comunicação. No geral, analisam a exploração da temática ambiental, diversas vezes pensada para gerar lucratividade. Para manter um certo equilíbrio, a mídia expõe a importância da preservação e da conscientização para o cuidado e proteção do meio ambiente. Sendo assim, é possível observar a correlação de produtos midiáticos com a natureza, construindo uma base para as análises e aproximando-se do principal objetivo deste estudo: analisar os elementos disponíveis nos produtos audiovisuais do programa televisivo GR.

3.2 DOCUMENTÁRIOS

Nichols (2005, p. 47-48) postula que “o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental” e acrescenta que “nem todos os filmes classificados como documentários se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transporte são todos considerados ‘veículos’”. O autor explica, então, que, para definir os produtos audiovisuais, existe uma subdivisão incluindo as categorias de curta-metragem (até 30 minutos), média- metragem (que chega a mais ou menos uma hora de reprodução) e longa-metragem (que se entende por mais de uma hora). Também existe a classificação em decorrência do tipo de texto. Ele pode ser de satisfação e desejo, quando diz respeito a vídeos da ficção e de representação social que são uma reprodução da realidade e, mais além, o autor classifica os documentários como ficção *hollywoodiana*: poéticos, expositivos, observativos, participativos, reflexivos e performáticos.

A escolha de análise de documentários divulgados pelo *Globo Repórter* está diretamente ligada a essa trajetória. O programa pode ser assistido por todos os tipos de públicos, ou seja, tem maior visibilidade, ao mesmo tempo que possui uma grande diversidade de materiais na área do audiovisual. As reportagens veiculadas no *Globo Repórter*, de acordo com a categorização de Bill Nicholls (2010), podem ser classificadas como curtas-metragens de representação social. Em sua grande maioria, se adequam ao modo expositivo, pois em alguns observa-se o uso de uma voz que é direcionada diretamente ao receptor. Além disso, as matérias no geral contam com uma lógica informativa, na qual as

imagens não são usadas como prioridade, e sim como meio de ilustrar e esclarecer o que está sendo falado. Em outras produções tem-se o modo participativo, no qual o repórter vai até o local, faz comentários e reflexões próprias do que vivenciou, mas não transmite a sensação de como é estar naquele ambiente para o telespectador. Nesse sentido, Nichols (2005, p. 159) esclarece “nem todos os documentários participativos enfatizam a experiência ativa e aberta do cineasta ou a interação de cineasta e participantes do filme” e “a entrevista permite que o cineasta se dirija formalmente às pessoas que aparecem no filme em vez de dirigir-se ao público por comentário com voz-over”.

Nicholls (2010) ainda explica que os documentários são filmes que transmitem informações, expandindo o conhecimento do telespectador. Ademais, esse tipo de material adentra em um determinado assunto, fazendo uso de personagens que viveram ou vivem determinada situação em suas vidas reais. O autor ressalta que os documentários apresentam vozes sonoras e visuais, como entrevistas, imagens, músicas, vídeos e fotos. A partir daí, é construída uma voz própria de cada documentário, com características geralmente direcionadas às perspectivas do diretor ou roteirista.

Para este trabalho, serão utilizados um total de cinco documentários produzidos e veiculados pelo *Globo Repórter* desde o ano de 2010 até o ano de 2018. Para encontrar estes documentários, foi preciso realizar uma busca na internet: inicialmente, digitou-se na aba de pesquisa do *Google* as palavras-chave: documentários sobre extinção no *Globo Repórter*, reportagens sobre extinção, vídeos de espécies ameaçadas. Porém, as publicações eram rasas e não direcionavam ao programa ou a uma variedade de materiais no âmbito telejornalístico. Devido a essa dificuldade em encontrar as publicações, a forma de pesquisa foi modificada e, a partir disso, percebeu-se que ao utilizar os nomes dos animais ameaçados de extinção em conjunto com o nome do programa, surgiam alguns dos documentários publicados. Descobriu-se, ainda que, quando empregadas as palavras-chave: “edições do globo repórter sobre extinção”, a pesquisa era direcionada às publicações do programa referente ao tema e, até mesmo, a um calendário de todas as edições do programa. Depois de encontradas as matérias, foi necessário analisar quais delas realmente abordavam o tema. Para isso, a autora foi até a plataforma do *Globo Repórter* e pesquisou os nomes das edições, com o intuito de assistir os documentários na íntegra.

Existem dúvidas acerca do nome dado aos materiais produzidos pelo GR, se eles são documentários ou grandes reportagens. Carmo-Roldão, Bazi e Oliveira (2007) escrevem sobre isso, afirmando que o primeiro não precisa ser elaborado mediante a um acontecimento recentemente divulgado, enquanto que o segundo surge a partir de uma discussão que está

ligada a algo noticiado na mídia. Carvalho (2006) descreve quais são as principais características dos documentários, cita o programa GR e explica que os documentários produzidos pela televisão aberta brasileira focam nos aspectos da sociedade, sendo considerados do gênero documental. Por outro lado, Gomes (2011) afirmam que os vídeos são grandes reportagens, pois neles a figura do repórter é muito importante para narração, diferentemente dos documentários que não tem a obrigatoriedade de ter um narrador.

No site da Globo encontra-se a definição do programa como sendo “próxima do documentário”, causando uma incerteza. Diante disso, as autoras Resende (2005) e Costa (2010) escrevem sobre o programa ter iniciado com características fortemente documentais, com cineastas trabalhando em suas produções, narrativas conduzidas a partir de imagens, depoimentos dos entrevistados e trilha sonora e depois foi se tornando mais flexível, voltando mais a produção de conteúdo mais dinâmicos, se aproximando de reportagens.

Desta forma, observando que os programas sobre meio ambiente se relacionam mais às características do documentário, utilizamos as mesmas como ponto de referência para as análises, não necessariamente descartando a caracterização que autores fazem sobre o GR como um programa jornalístico. Desta forma, as produções são analisadas como documentários jornalísticos porque, como observado no decorrer do trabalho, tanto a reportagem como o documentário surgem a partir de um assunto de interesse público. O qual precisa ser explorado, investigado com uma intenção jornalística que faz uso de imagens, com um perfil de credibilidade possível pelo uso de depoimentos, argumentos e informações coerentes e que também possibilitam uma maior repercussão e aprofundamento de assuntos para envolver o público. Mais além, os vídeos disponíveis se enquadram na categorização do autor Nichols (2005; 2010), com utilização de trilha sonora, entrevistas, imagens, contexto narrativo e delimitação de tempo.

3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Depois de demonstrar como foi constituída a amostra de pesquisa, passar-se-á a utilizar o método de Análise de Conteúdo. Para Bardin (2011), ele é composto por instrumentos metodológicos que classificam e estudam o discurso, ou conteúdo, de determinado material. Herscovitz (2010) define Análise de Conteúdo como um meio para coletar informações disponíveis na mídia, como sons, músicas, textos e imagens, e analisá-las individualmente seguindo uma linearidade ou não. A autora descreve os resultados dessa metodologia e explica o objetivo da análise: “fazer inferências sobre seus conteúdos e

formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação” (HERSCOVITZ, 2010, p. 127).

Bardin (2011) explicita que, nessa metodologia, segue-se uma ordem cronológica: primeiramente, o material é organizado; na sequência, as primeiras ideias e hipóteses sobre o assunto são elaboradas, seguindo algumas regras que a autora propõe: não omitir nenhum item do material, observar a ligação do conteúdo com a realidade, unir os dados que são iguais, adaptar as informações de outros materiais que coincidem com a pesquisa e classificar individualmente cada elemento, para depois fragmentá-los.

Bardin (2011) ainda explora a questão de agrupamento, que pode ser semântico (tema), sintático (verbos, adjetivos, pronomes), léxico (significado das palavras) ou expressivo (diversidade da linguagem e escrita). A autora escreve a respeito da comunicação entre emissor e receptor, dividindo-a em código e suporte (escrito, oral, icônico e outros códigos semióticos) e quantidade de pessoas implicadas na comunicação (monólogo, diálogo, grupo restrito, comunicação de massa). Em seguida, passa a dissertar sobre como a Análise de Conteúdo deve ser apresentada e classificada por categoria, avaliação, enunciação, expressão e relação. Bardin (2011) afirma que essa análise surge com a intenção de sanar as dúvidas de quem produz o conteúdo e melhorar a qualidade de transmissão de informações ao receptor.

3.4 TESTE METODOLÓGICO

O documentário “O perigo da extinção”, adaptado e exibido pelo *Globo Repórter* no ano de 1989, quando o programa de TV ainda divulgava materiais internacionais, foi produzido originalmente pela rede de televisão *Educativas*, dos Estados Unidos, com o título “A vida por um fio”. O vídeo tem duração de oito minutos e, por isso, pode ser categorizado, segundo o autor Nichols (2005), como curta-metragem. Inicialmente, a produção conta com imagens de diversos animais em seus *habitats* naturais, entre eles os rinocerontes, elefantes, gorilas, baleias, aves, girafas, entre outros. Essas imagens surgem acompanhadas por trilhas sonoras tensas e dramáticas. Nichols (2005) também afirma que reproduções como este documentário podem ser consideradas expositivas, pois utilizam o modelo de apenas uma voz transmitindo as informações. Mais além, essas produções apresentam os dados de maior impacto, como a quantidade de animais de determinada espécie vivendo 8 anos antes em comparação ao número que existia na época de publicação, em um modelo de legenda que chama maior atenção do telespectador.

O vídeo apresenta uma analogia entre a aniquilação dos dinossauros e a atual extinção dos animais, explicando por meio de fontes. Essas são classificadas por Lage (2001) como fontes *expert* e incluem cientistas e pesquisadores que explicam os motivos da morte dos dinossauros a mais de 70 milhões de anos, diferenciando esse fato da extinção de espécies, que vem aumentando nos últimos anos. Assim, o produto utiliza recursos audiovisuais, como sons e imagens sobre o aquecimento global, superpopulação e desmatamento, relacionando o desaparecimento de animais com as atitudes dos seres humanos. Ele cita ainda as queimadas que foram descobertas na Amazônia e em Rondônia por meio de satélites da *National Aeronautics and Space Administration* (NASA), em 1988.

Diante disso, observa-se que o curta-metragem, apesar de fazer uso de uma grande gama de recursos audiovisuais, não dispõem de uma variedade significativa de fontes, como os autores Girardi, Loose, Camana (2015) e Bueno (2007) recomendam. A importância dessa diversidade é reafirmada por outros autores. Entre eles, Magno (2014, p. 428) escreve acerca da necessidade e responsabilidade que o profissional da comunicação deve ter com a apuração em suas pautas: “A autoria da apuração está a cargo do repórter. Ele deve escutar a si mesmo, a cidadãos comuns e a autoridades. Sua técnica de trabalho combina entrevistas, leitura e muita observação”.

Entretanto, o vídeo utiliza elementos considerados relevantes na produção de materiais na área do Jornalismo Ambiental pelos autores Peter (1994), Bueno (2007), Schwaab (2008) e Girardi (2012). Dentre esses recursos, pode-se citar a explicação de termos técnicos com informações transmitidas, no geral, de forma clara e objetiva. Ademais, mesmo que de forma indireta, o vídeo realiza a junção de informações dos campos da Ciência, História, Economia e Geografia com a temática ambiental. Além disso, aborda o assunto falando mediante a voz do âncora do programa, Celso Freitas, a respeito da diversidade da fauna e flora, sobre os ciclos e sobre a cadeia alimentar dos animais e, de certo modo, da relação de sobrevivência de uma espécie a partir da outra. Também explora os riscos caso uma espécie seja extinta, reafirmando a importância da preservação dos ecossistemas, de sua variedade.

Este teste metodológico foi realizado para construir uma sequência de itens a ser seguida nas análises seguintes. Configura-se, portanto, como um exercício da análise dos documentários escolhidos como *corpus* dessa pesquisa, transmitidos nos últimos anos pelo programa *Globo Repórter*. Sendo assim, foi mantida a metodologia aqui ilustrada, com a função de mostrar o percurso que guiou as análises.

Além disso, o teste indicou a pertinência de buscar a compreensão sobre os elementos do Jornalismo Ambiental presentes em cada um dos produtos audiovisuais, entre eles as fontes, imagens, sons e também a contextualização do que está sendo transmitido. Desta forma, criou-se a classificação dos vídeos por níveis de aprofundamento sobre a temática, em uma escala de 0 a 5. Essa classificação foi construída com base nos seguintes critérios:

- Vídeos que apenas explicam as características dos animais que estão em extinção (0);
- Vídeos que falam sobre a extinção do animal (1);
- Vídeos que expõem o motivo de o animal estar sendo extinto (2);
- Vídeos que trazem variedades de fontes para falar sobre o motivo (3);
- Vídeos que contextualizam a respeito da importância de preservação (4);
- Vídeos nos quais são contemplados os itens anteriores e aprofundadas as consequências desta extinção (5).

Uma vez que o principal objetivo deste trabalho é entender de que forma o programa *Globo Repórter* utiliza os elementos do Jornalismo Ambiental em seus documentários, na construção de reportagens sobre a extinção de animais, as produções selecionadas foram estudadas isoladamente e vistas cada uma como uma unidade de registro. Nessas matérias, foram observadas as seguintes categorias: a apresentação do tema, a contextualização das reportagens, as fontes escolhidas e apresentadas nos documentários e os recursos audiovisuais empregados na construção do produto.

4 ANÁLISES DAS REPORTAGENS DO PROGRAMA *GLOBO REPÓRTER*

4.1 GAVIÃO-REAL

A reportagem “Acompanhe os primeiros meses de vida do gavião-real”, gravada pela equipe do programa *Terra da Gente*, foi exibida em 4 junho de 2010 pelo *Globo Repórter*. Cabe ressaltar que os dois programas citados aqui são de propriedade da emissora de televisão *Rede Globo*. O vídeo em questão se enquadra como um curta-metragem expositivo, segundo a categorização de Bill Nicholls (2010), já que tem duração de 14 minutos e traz imagens complementares às falas do repórter e dos entrevistados.

Figura 1 – Gavião-real fêmea protegendo seu ninho no município de Alta Floresta (MT)



Fonte: Captura de tela *Globo Repórter* (4 jun. 2010).

Nas imagens, a floresta e o gavião-real são destacados, seguindo a narrativa do repórter que, inicialmente, fala sobre as características do local e do animal, ressaltando que o gavião-real está no topo da cadeia alimentar. Logo após, o repórter direciona a fala e as imagens para a época de reprodução do animal, que acontece no verão. Nessa etapa, ele explica que os ovos demoram cerca de dois meses para eclodirem e que os pais sempre estão por perto, fazendo a limpeza do ninho e alimentando o filhote durante os seis primeiros meses. O modo de exposição do texto narrativo e os depoimentos com a sequência de imagens da biodiversidade do local e trilha sonora pode ser observado, segundo Pena (2018) e Lage (2001), como uma estratégia para chamar a atenção do público. Pena (2018, p. 75) chama esse modelo de reportagem documental de efeito “demonstração”. Entretanto, percebemos que, na utilização dos recursos audiovisuais, a ave é apresentada como um animal forte e bonito, causando uma visão de falsa segurança do animal para o telespectador e não mostrando a realidade dos riscos de extinção em decorrência do desmatamento.

Intercalando as imagens da floresta e dos animais com a fala de uma das fontes utilizadas, o repórter fala sobre o gavião-real estar na lista de extinção e explica o motivo: a diminuição das matas brasileiras. Para contextualizar, além dos elementos citados anteriormente, a reportagem utiliza a imagem de um mapa por satélite com o intuito de abordar o tema do desmatamento e da extinção. Não houve uma utilização de fontes diversificadas: em geral, as fontes foram especializadas, o que, segundo Peter (1994), torna

o conteúdo menos acessível a qualquer público e, até mesmo, menos humanizado. Bueno (2007) faz uso do termo “lattelização” para explicar que muitos comunicadores não entendem a importância de um conteúdo com fontes variadas, que atinja um maior número de pessoas em diferentes contextos. Seguindo os textos de Pereira Júnior (2010), percebe-se que para a produção desse vídeo preocupou-se mais com o critério de hierarquização das fontes. Dessa forma, a reportagem voltou seu foco para a maior credibilidade que o público atribuiria ao material, e não para o conteúdo disponível.

Todavia, Bueno (2007) e Peter (1994) falam que o mais importante, tanto no Jornalismo como no Jornalismo Ambiental, é a transmissão de informações. Esse ponto foi observado nessa reportagem: a primeira fonte – o naturalista Bradley Davis, que fala sobre os costumes e alimentação da ave de rapina –, assim como a segunda – a ambientalista Vitória da Riva Carvalho, que fala sobre a biodiversidade daquele ambiente –, expõem as informações de forma clara e objetiva. Sendo assim, acredita-se que a informação está sendo transmitida.

Dessa forma, observa-se que, em uma escala de 0 a 5, este vídeo se enquadra no nível 02 de aprofundamento da temática, ou seja, apresenta uma narrativa sobre as características do animal, fala que o mesmo está na lista de extinção e expõe o motivo de ele estar sendo extinto. No entanto, o mesmo vídeo não traz variedades de fontes, não aprofunda a temática da importância de preservação ou aborda sobre as consequências negativas caso o animal seja extinto da natureza.

4.2 URSOS DA LUA

A reportagem, publicada no dia 31 de maio de 2013 pelo *Globo Repórter*, foi intitulada como “Parque do Laos abriga ursos ameaçados de extinção”. É um curta-metragem expositivo de 12 minutos. Inicialmente, a repórter Glória Maria fala sobre a cidade do Laos com a apresentação de um mapa e imagens da população no seu dia a dia. A exposição também mostra as ruas, o trânsito de outras cidades da Ásia que são mais agitadas, e compara esses locais com a tranquilidade de Vientiani, a maior cidade do Laos. A narrativa contém dados do lugar, seguidos por cenas que representam a pobreza, o cotidiano da população e os animais que vivem ali, entre eles. Entre esses animais, Glória Maria destaca os elefantes, que ainda são utilizados para o trabalho pesado mesmo depois de entrarem para lista de extinção. Logo após essa introdução, o contexto narrativo se volta para a biodiversidade do lugar, com imagens de plantas, animais, a floresta com cachoeiras, com água de várias cores,

limpas e transparentes. Todos esses elementos fazem parte de um parque, área protegida pelo governo, e alguns turistas estão conhecendo o lugar.

Figura 2 – Urso-negro-asiático, também conhecido como Urso da Lua, no santuário do Laos, na Ásia



Fonte: Captura de tela *Globo Repórter* (31 maio 2013).

Dessa forma, a jornalista conduz a reportagem para abordar a extinção do urso negro asiático. Esse também é conhecido como Urso da Lua devido aos pelos do peito brancos, cor diferente dos pelos do resto do corpo, que são pretos. As imagens mostram as características físicas e comportamentais do animal. Os ursos são animais selvagens, contudo, observamos que nas imagens foram representados como animais calmos e brincalhões, causando uma tentativa de aproximação com comportamentos de seres humanos para gerar empatia do público e, conseqüentemente, uma preocupação ambiental. Crítica está exposta por Lage (2001) na qual a realidade é distorcida para chamar mais atenção ou trazer resultados maiores ou mais rápidos. Em seguida, Glória Maria contextualiza o lugar em que o urso se encontra, explicitando que o parque abriga cerca de 25 ursos e que é o único santuário do Laos onde eles podem ficar protegidos, longe dos caçadores. Em uma entrevista, Mike Brocklehurst, australiano que coordena o “Save the Bears” (projeto de proteção aos ursos), afirma que o ideal seria que os animais vivessem livres na natureza. Isso, no entanto, não é possível, já que eles estão na lista de extinção e existe um grande risco de que sejam caçados, enjaulados

e mortos para a utilização de sua bÍlis como remÉdio, na tradicional medicina chinesa. Por fim, o vÍdeo fala sobre questÓes culturais e religiosas de Vientiani, no Laos.

Ainda que o tÍtulo sugira que a reportagem trará contÉuidos sobre a extinÓo de ursos, ela não aprofunda a temática. Nesse sentido, os textos de Schwaab (2008), Girardi (2012) e Massierer (2011) expõem que o Jornalismo Ambiental normalmente É pensado apenas como simples anotaÓes e que, por isso, muitas vezes não existe um aprofundamento e valorizaÓo do assunto, como ocorre em outras áreas. Entretanto, observa-se que, durante o vÍdeo vinculado pelo programa da *Rede Globo*, ocorre uma interaÓo de informaÓes ambientais com as questÓes culturais e religiosas da região. Esse fato vai ao encontro do pensamento de Dornelles (2008) e Belmonte (2017), que descrevem a importância da união entre assuntos ambientais e outras áreas, na tentativa de ter um maior alcance na transmissão de informaÓo. Em uma escala de aprofundamento sobre a extinÓo de animais, este vÍdeo também se classifica no nÍvel 02, sem uma abordagem mais explicativa sobre a importância de preservaÓo, consequências e variedade de fontes.

4.3 ARARAS AZUIS

O vÍdeo “Araras azuis ameaçadas de extinÓo renascem nas matas de Canudos”, exibido pelo *Globo Repórter* no dia 21 de novembro de 2014, pode ser considerado um documentário devido a todos os elementos que compõem sua construÓo narrativa: as imagens, mapas, entrevistas e trilhas sonoras. Mais além, a reportagem se classifica como um curta-metragem de exposiÓo, com duraÓo de cinco minutos e um repórter que a contextualiza, nesse caso o jornalista Francisco José.

Figura 3 – Arara-azul-de-Lear na Estação Biológica de Canudos (BA)



Fonte: Captura de tela *Globo Repórter* (21 nov. 2014).

Inicialmente, a matéria apresenta imagens do sertão de São Francisco com as araras sobrevoando o local, utilizando como trilha sonora o som produzido pelas aves. A narrativa é seguida por imagens do local e dos animais, as quais mostram cenários bonitos e levam ao espectador a sensação de que existem muitas aves, amenizando a realidade de que elas correm risco de desaparecer. O destaque da produção é a ameaça de extinção das araras; ao mesmo tempo, o vídeo enfatiza que naquele local esses animais conseguem se reproduzir em liberdade. A reportagem apresenta uma variedade de fontes: entre elas, um guarda do parque, um fazendeiro e alguns lavradores, mostrando o ambiente em que essas pessoas moram e com o que sobrevivem no sertão da Bahia.

Durante a primeira entrevista com Eurivaldo Macedo Alves, identificado como guarda do parque, é trazida para discussão a problemática da restituição do animal a sua terra natal: mesmo a ave tendo como *habitat* natural a região onde o parque está localizado, segundo Eurivaldo, não há alimento suficiente e elas acabam atacando as plantações de agricultores da região. A conversa com Aurenice de Miranda também ressalta esse ponto, à medida que a lavradora explica que eles precisam dividir a plantação de milho com as araras e a criação de cabras com as onças. Logo depois, surge a imagem das aves próximas da lavoura com uma trilha sonora de suspense. Então, o repórter vai para a plantação com João Nascimento, esposo de Aurenice, que demonstra como estão conseguindo afugentar os animais com sacos plásticos.

Nas cenas, é possível observar a destruição dos milhos e o repórter pergunta ao lavrador porque ele não matou as aves, ao passo que João responde: “Não. É crime”. A

narrativa, então, é direcionada para a última fonte, o fazendeiro Otávio Farias, que explica qual seria o alimento ideal para a Arara-azul-de-Lear: o coquinho do licuri. Nesse momento, Otávio conta que, para auxiliar na alimentação das aves e também minimizar a perda dos pequenos lavradores, ele coloca espigas de milho nas árvores.

Belmonte (2017) e Dornelles (2008) escrevem sobre a importância da união das áreas em reportagens jornalísticas e afirmam que apenas seguir os manuais do Jornalismo, para a construção de produtos que informem, não é suficiente. Essa afirmação pode ser observada nessa produção, uma vez que, mesmo que o vídeo fale sobre as características do animal, sobre as araras estarem na lista de extinção e traga diversidade de fontes, ele ainda está no nível 02 da escala de aprofundamento da temática. Essa classificação se justifica a partir do momento que a matéria não expõe a causa da extinção, não contextualiza a respeito da importância de preservação e as consequências do desaparecimento desses animais. Mais além, foi preciso buscar informações para entender o motivo desta problemática em outras reportagens de outros meios de comunicação, como o *Globo Cidadania* e o *Repórter Eco*. Estes dois programas afirmam que a ameaça de extinção das araras ocorre devido ao desmatamento das plantas e, conseqüentemente, da principal fonte de alimento dessas aves: como dito anteriormente, o coquinho do licuri. O desaparecimento dos animais acaba gerando um desequilíbrio no ecossistema, principal e mais prejudicial consequência da extinção.

4.4 LÊMURES

O vídeo “Lêmure, símbolo de Madagascar, correm risco de extinção” tem duração de 11 minutos e foi exibido no dia 3 de novembro de 2017. O curta-metragem de exposição fala sobre a importância de preservação e os motivos de extinção dos lêmures. A reportagem começa com a narrativa da repórter e imagens da viagem realizada pela equipe de filmagem para chegar até o local. Depois dessa introdução, acontece um direcionamento para a contextualização sobre as matas de Madagascar, os desmatamentos e a preservação.

Figura 4 – Lêmure Indri na reserva de Maromizaha, em Madagascar



Fonte: Captura de tela *Globo Repórter* (03 nov. 2017).

A primeira entrevista é com Claire Foulon, neta do dono da reserva há 80 anos e atual dona. Claire destaca que a reserva de Berenty é a última mata ciliar da região. Isso porque, apesar de a população saber da importância dos animais, a destruição das florestas também se torna relevante no dia a dia desses sujeitos, que precisam de lenha e madeira. As imagens voltam mostrando os detalhes das espécies diferentes de lêmures, com cenas de interação dos animais com o povo da região, sendo perceptível a antropomorfização dos animais, ou seja, fazendo com que os animais fossem vistos como nossos iguais, quando na verdade eles tem suas próprias características e necessidades. Contudo, no decorrer do vídeo percebemos que os lêmures são expostos a distância e com menor interação, voltando ao que os autores Lage (2001) e Bueno (2007) escrevem sobre mostrar a verdadeira realidade.

A narrativa é conduzida até os pesquisadores que visitam o lugar. A dona da reserva afirma que o turismo é um ponto positivo para o desenvolvimento e também para que a população local tome maior consciência de seu patrimônio. Por viverem toda sua vida em meio à mata e aos animais, os nativos não têm noção de que esses elementos podem deixar de existir. Nesse sentido, o turismo auxilia na compreensão da relevância das ações de preservação daquele ambiente e dos animais que ali residem.

A segunda entrevista acontece no Noroeste do país, lugar onde os lêmures são vistos como os antepassados das pessoas. A fonte é o diretor do Parque Nacional de Lokobe, Gerardi Bakarizafy, que defende a floresta como o valor puro da vida. Para ele, os espíritos ancestrais vivem nos lêmures, e por isso a caça a esse animal deve ser encarada como

sacrilégio. A repórter aparece e fala mais sobre o parque, direcionando a reportagem para a terceira entrevista. Essa é com o guarda do parque, Said Mohamad Assany, que fala de algumas propriedades de plantas.

Sons de animais e uma imagem do horizonte apresentam mais uma reserva, a de Maromizaha, região montanhosa no centro do país. O repórter aparece falando da biodiversidade da reserva e conduz a narrativa para o maior lêmure de todos, o lêmure Indri, destacando suas características e o motivo desses animais estarem na lista de extinção. O jornalista explica a lentidão na reprodução da espécie, que acontece a cada 2 ou 3 anos e gera apenas um filhote, cuja fase adulta demora até 5 anos para ser atingida. O repórter acrescenta ainda dados acerca da caça predatória e da destruição das florestas. Desse modo, a última entrevista é com o professor e pesquisador Jonah Ratsimbazafy, focando na importância dos lêmures para o povo de Madagascar e no desmatamento.

Pereira Júnior (2010) escreve sobre o que os profissionais da área devem valorizar no processo de construção de conteúdo. Ele afirma que, quando se prioriza a pluralidade de vozes e elementos, se agrega mais informações ao material. Foi possível observar que o vídeo seguiu essa linha, trazendo uma grande quantidade de informações e, conseqüentemente, maior variedade de fontes. A reportagem também traz uma narrativa realista quando fala da importância de pequenos cuidados com o meio ambiente, recomendação que pode ser encontrada nos textos de Bueno (2007). Este descreve a importância de conteúdos que conversem com o telespectador/leitor sem exageros, com clareza e objetividade.

Diante disso, a reportagem está no nível 04 na escala de aprofundamento sobre a extinção de animais. Esse índice se justifica à medida que a matéria tem uma contextualização acerca das características da espécie, aborda sua entrada na lista de extinção, as causas de seu desaparecimento e a importância de sua preservação, além de trazer diversidade de fontes.

4.5 PERIQUITO-CARA-SUJA

O curta-metragem expositivo de nove minutos, intitulado “Ameaçado de extinção, periquito-cara-suja volta a se reproduzir”, foi exibido no dia 22 de junho de 2018 e aborda a biodiversidade da Serra do Baturité (CE), bem como a importância de preservação do periquito-cara-suja. Inicialmente, o vídeo mostra uma paisagem nublada e a repórter, Beatriz Castro, fala sobre a Serra do Baturité, no sertão central do Ceará, afirmando que o lugar é

conhecido como a mata atlântica da Caatinga por causa da altitude que bloqueia a passagem das nuvens.

Figura 5 – Periquito-cara-suja na Serra do Baturité (CE)



Fonte: Captura de tela *Globo Repórter* (22 jun. 2018).

Na primeira e segunda entrevista, as fontes são o biólogo Fábio Nunes, que fala da estiagem e características do lugar, e um morador antigo, Jean trindade, que também aborda a falta de chuvas, temática incrementada com imagens da cachoeira do perigo e da biodiversidade do local. Depois são apresentadas cenas do periquito-cara-suja e a narrativa é voltada à ameaça de extinção da espécie. A reportagem destaca que o animal era perseguido pelos caçadores e explica que, há 10 anos, existiam apenas 250 periquitos-cara-suja na natureza, ou seja, eles eram raros; no entanto, hoje são mais de 500 exemplares. Esse número foi alcançado com o auxílio dos biólogos, pesquisadores e moradores, que entenderam a importância de preservar a espécie. Nesse ponto do vídeo, a repórter pergunta para um morador que não foi identificado como é ver a ave de volta ali. Ele responde: “é uma lindeza, não tem coisa melhor”. Essa narrativa, em conjunto com as imagens que priorizam mostrar as belezas dos lugares e dos animais, acaba reafirmando a intenção de amenizar os reais impactos da extinção, fazendo com que as cenas sejam mais agradáveis e atraiam mais o público. Desta forma, podem dificultar o entendimento da necessidade de preservação para evitar um desequilíbrio no ecossistema e respeito pelas espécies.

A jornalista explicita que, além da caça, os poucos periquitos não encontravam árvores mais antigas e ocas para os ninhos. Então os ambientalistas, junto aos moradores,

começaram a instalar ninhos artificiais para ajudar na reprodução. As imagens demonstram o processo de instalação e, logo após, mostram os ninhos, alguns com os periquitos e outros com os ovos. Os pesquisadores e biólogos conferem se está tudo bem com a saúde dos recém-nascidos, eles são pesados e anilhados (a repórter explica o termo comparando com a carteira de identidade). Todo o procedimento é seguido por imagens dos filhotes e pela explicação de suas características e desenvolvimento. A repórter afirma que esse processo garante que a espécie está sendo protegida.

Na quarta entrevista, a fonte é Francisco, um morador que já foi caçador. Ele afirma que se arrepende de suas ações e que não pretende voltar às caças. Hoje ele é guia dos pesquisadores e registra a presença dos animais com uma “armadilha fotográfica”. Nesse ponto, o vídeo segue mostrando imagens capturadas com a câmera, ativada à distância, e é direcionado, novamente, para a extinção do periquito. Nesse momento, a matéria explica que o animal é um símbolo de 28 espécies de aves que estão na lista de extinção e que vivem na Serra do Baturité. A reportagem cita como exemplo das outras espécies ameaçadas o tucano de Baturité e o Guaramiranga, e ilustra essa explanação com cenas que mostram os pássaros nas águas, cedidas pela *Aquasis*.

Na narrativa do vídeo, observa-se que houve explicação de termos mais complexos, como por exemplo “armadilha fotográfica” e “maracajá”. Os autores Peter (1994) e Bueno (2007) abordam sobre a importância dessa explicação para que o maior número possível de telespectadores compreenda as informações que estão sendo transmitidas. Seguindo os textos de Lage (2001), Bueno (2007), Belmonte (1997) e Peter (1994), a reportagem também apresenta variedade de fontes. Entre elas há biólogos, moradores do local e um antigo morador.

Os sons da natureza, pássaros e riachos são utilizados junto a quatro tipos de trilhas sonoras alegres. Em alguns momentos, todos os sons são pausados e o foco se volta apenas para a fala da repórter ou das fontes. O vídeo também utiliza inúmeras imagens da biodiversidade do local, mostrando várias espécies de animais e plantas, em conjunto com uma narrativa que descreve o local e dá explicações sobre a preservação. Esses elementos, como dito pelos autores Bueno (2007) e Lage (2001), auxiliam na contextualização e transmissão de informação, pois chamam a atenção e cativam o público. Consequentemente, o telespectador aprende sobre o que está sendo passado. Sendo assim, a reportagem se aprofunda no assunto e se classificando no nível 04, pois, além de explicar as características do animal, fala sobre a causa de ele estar na lista de extinção, apresenta uma diversidade de fontes e contextualiza o público a respeito da importância de preservação.

Tabela 1 – Escala de aprofundamento sobre a extinção de animais nos produtos audiovisuais analisados

	GAVIÃO- REAL	URSO DA LUA	ARARA- AZUL- DE-LEAR	LÊMURES	PERIQUITO- CARA-SUJA
Características do animal (0)	X	X	X	X	X
Falam sobre estar na lista de extinção (01)	X	X	X	X	X
Motivo da extinção (02)	X	X		X	X
Diversidade de fontes (03)			X	X	X
Importância de preservação (04)				X	X
Consequências do desaparecimento de espécies (05)					
Nível de aprofundamento	02	02	02	04	04

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Na tabela acima, é possível observar que, quando analisados por escala de aprofundamento de zero a cinco, as primeiras três reportagens selecionadas como *corpus* desse trabalho alcançaram apenas o nível dois de aprofundamento, representando 60% do total de análises. Já as últimas duas reportagens obtiveram um nível de aprofundamento quatro, não contemplando apenas um item definido como critério para classificação final das matérias: a contextualização das consequências do desaparecimento de espécies. Essas duas reportagens finais representando os 40% restante das análises.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como descrito no decorrer do trabalho, observa-se que a inclusão de fontes comuns e, principalmente, a variedade de fontes que falam sobre um mesmo assunto em contextos diferentes é algo escasso nas publicações referentes ao meio ambiente dentro do Jornalismo.

Isso pode ser observado nos documentários analisados, nos quais a maioria das fontes eram oficiais, mas em seus discursos narrativos temos pontos de vistas variados, o que resulta em diversidade e auxilia no entendimento de públicos diferentes. Pensando na lattelização (Bueno, 2007), termo utilizado para falar do uso apenas de fontes da área acadêmica, destaca-se que essa prática constrói uma visão fragmentada com matérias que acabam chegando apenas a um público mais específico, ou seja, dificultando a sistematização da temática ambiental com outras áreas.

Os recursos audiovisuais e sonoros empregues são, geralmente, utilizados de modos diversos e adentram o contexto teórico da temática. Em geral, empregam-se sons tensos e dramáticos nas narrativas que falam sobre extinção e sons mais animados, até mesmo divertidos, nas reportagens que abordam a biodiversidade dos lugares ou as características dos animais. Com relação às imagens, há a predominância de cenas coloridas, mostrando as paisagens, com enquadramentos mais fechados para focar nas particularidades de cada animal e ambiente. O modo que esses recursos são utilizados dificultam que publicações como essas gerem um impacto de preocupação em preservar por respeitar a biodiversidade e ter uma preocupação ambiental verdadeira, devido à antropomorfização dos animais, o que acaba construindo um sentimento de importância por eles serem semelhantes aos seres humanos e não seres individuais.

Mais especificamente, nos resultados da análise dos cinco documentários divulgados nos últimos dez anos pelo programa *Globo Repórter*, da rede de TV aberta *Globo*, pode-se observar que não houve aprofundamento da temática da extinção de animais. Na escala de aprofundamento, os vídeos de 2010, 2013 e 2014 alcançaram o nível 02, ou seja, não falaram sobre a importância de preservação e nem contextualizaram sobre as consequências negativas do desaparecimento dessas espécies. Eles também não apresentaram diversidade de fontes para falar do assunto e, assim, tornarem as informações mais acessíveis à população em geral. Entretanto, nas últimas reportagens, de 2017 e 2018, aconteceu uma melhoria no aprofundamento. Ambas chegaram ao nível 04, pois obtiveram uma maior utilização de fontes para abordar o tema e também realizaram uma explanação sobre a importância de preservação, mesmo que breve.

Reforçando, os conteúdos em geral humanizam os animais na tentativa de que essa aproximação crie uma relação de empatia entre homens e animais. Mas, por outro lado, não mostram a real importância do animal no ecossistema, levando em conta o desequilíbrio nos ciclos que acabam por ser interrompidos com o desaparecimento das espécies. Mais além, quando digitamos as palavras extinção de animais, os resultados que surgem são, na sua

totalidade, sobre a lista de extinção, notícias, vídeos, conteúdos em geral rasos e que não desbravam os motivos do desaparecimento de espécies, nem destacam a importância de preservação ou as consequências negativas do desaparecimento desses animais. Também existe uma desorganização nas publicações: elas não estão separadas e algumas nem mesmo possuem indicações de que tratam sobre a temática, tornando a busca de informações sobre a extinção um trabalho árduo e, até mesmo, cansativo. Sendo assim, a procura por estas publicações que aprofundem a extinção de animais é algo trabalhoso, que requer muitas pesquisas. Esse fato dificulta o conhecimento das matérias pelo público comum, tornando-as algo pouco acessível e pouco divulgado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jane Magali Rocha. O papel da mídia na informação ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Intercom, 2002. p. 1-13. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/2492148821254533288705961341240980056.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

AGUIAR, Sonia. Análise dos estudos sobre jornalismo ambiental: primeiras incursões. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO DA SBPJOR – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO 9., 2011. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ECO – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://sbpjour.org.br/admjor/arquivos/9encontro/CC_23.pdf. Acesso em: 17 maio 2020.

AGUIAR, Sonia; CERQUEIRA, Jean Fábio. Comunicação ambiental como campo de práticas e de estudos. **Comunicação & Inovação**, v. 13, n. 24, p. 11-20, 2012. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1474/1191. Acesso em: 15 maio 2020.

AUGUSTO, Otávio. Lista dos animais ameaçados de extinção aumenta 87% em uma década. **Correio Braziliense**. Brasília, 4 out. 2018. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/10/04/interna-brasil,710035/lista-dos-animais-ameacados-de-extincao-aumenta-87-em-uma-decada.shtml>. Acesso em: 13 set. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições70, 2011.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do Jornalismo Ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 6, n. 2, p. 110-125, 2017. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>. Acesso em: 09 ago. 2019.

BELMONTE, Roberto Villar. **Jornalismo Ambiental: evolução e perspectivas**. Porto Alegre: Agir Azul na Rede, 1997. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/texto-5363c72bf14f5.doc>. Acesso em: 10 out. 2019.

BOAS, Sergio Vilas. **Formação e informação ambiental: Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

BUENO, Wilson da costa. **Comunicação, Jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

CARVALHO, Márcia. O documentário e a prática jornalística. **Revista PJ: Br**, v. 7, p. 01-08, 2006. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm#:~:text=Sabemos%2C%20que%20o%20principal%20objetivo,ou%20da%20abordagem%20sobre%20um. Acesso em 01 de outubro de 2020.

COSTA, Marília. O modo de endereçamento do Globo Repórter: uma análise a partir de três períodos historicamente distintos. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1071>. Acesso em 01 de outubro de 2020.

CLIMAINFO. WWF: **Em cinco décadas, mundo perdeu 68% de suas espécies animais**. 2020. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2020/09/10/wwf-em-cinco-decadas-mundo-perdeu-68-de-suas-especies-animais/?fbclid=IwAR3p3YcRa3aFJx3efYKQ0N00dYOjrHOM0ueAlkeUI6LPXntaB9u672AARI0>. Acesso em: 12 set. 2020.

DA COSTA BUENO, Wilson. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>. Acesso em: 14 set. 2019.

DE ANDRADE, João Batista. **O povo fala**: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira. São Paulo: Senac Nacional, 2001. Disponível em: encurtador.com.br/jsBST. Acesso em 05 de novembro de 2019.

DO CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigue; OLIVEIRA, Ana Paula Silva. O espaço do documentário e da vídeoreportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate. **Revista Contracampo**, v. 2, n. 17, p. 107-126, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/viewFile/17245/10883>. Acesso em 01 de outubro de 2020.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. **Brazilian Journalism Research**, v. 4, n. 2, p. 121-131, 2008. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/167>. Acesso em: 17 maio 2020.

FANTE, Eliege Maria et al. A trajetória do Jornalismo e dos jornalistas ambientais no Brasil: o núcleo de Ecojornalistas do RS. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 2, n. 2, p. 172-191, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/4995>. Acesso em: 10 set. 2019.

FONSECA, André A. Água de uma fonte só: a magnitude do problema em uma experiência concreta. In: Boas, Sérgio Vilas. **Formação e informação ambiental**: Jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

GAÚCHA ZH (Ed.). **Brasil tem 1.173 espécies sob risco de extinção, aponta pesquisa**. 2019. GZH Ambiente. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2019/01/brasil-tem-1-173-especies-sob-risco-de-extincao-aponta-pesquisa-cjrqbq5p00sm01nyvs3j7ojs.html>. Acesso em: 09 set. 2019.

GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R. T. **Jornalismo Ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

GIRARDI, I. M.; LOOSE, E. B.; BAUMONT, C. C. **Estudo sobre informação e Jornalismo Ambiental**: ecos do planeta. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. Caminhos e Descaminhos do Jornalismo Ambiental. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 131-152, 31 dez. 2012. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v34n1p131-152>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/2972/3136>. Acesso em: 10 ago. 2019.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela. Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 362-384, set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/132516>. Acesso em: 25 ago. 2019.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Editora Metamorfose, 2018. Disponível em: <https://jornalismoemeioambiente.com/e-book/>. Acesso em: 25 ago. 2019.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Edufba, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/31027/1/tcluconclus%20C3%A3o.pdf>. Acesso em 01 de outubro de 2020

GLOBO. **História do Globo Repórter** – Mais de 1000 programas. Disponível em: <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGR0-2698,00.html>. Acesso em: 13 set. 2019.

GLOBO. Globo Repórter. Disponível em: <https://globointernacional.globo.com/GloboNOW/Paginas/globo-reporter.aspx#:~:text=O%20'Globo%20Rep%C3%B3rter'%20%C3%A9%20um,e%20apresenta%C3%A7%C3%A3o%20de%20S%C3%A9rgio%20Chapelin.&text=No%20Globo%20Rep%C3%B3rter%2C%20destacam%20se,e%20curiosidades%20do%20mundo%20anim> al. Acesso em 02 de outubro de 2020.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Acesso em: 6 out. 2019.

LAGO, C; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Coleção Fazer Jornalismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

MAGNO, Ana Beatriz. **O Jornalismo nos tempos da reportagem: uma análise da obra jornalística de Ernest Hemingway & Gabriel García Márquez**. 2014. 441 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/17279>. Acesso em: 13 nov. 2019.

MARCONDES, Adalberto W. O dia a dia de uma mídia ambiental. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R. T. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

MASSIERER, Carine. As rotinas de produção jornalística como o novo vilão do meio ambiente. In: GIRARDI, I. M.; LOOSE, E. B.; BAUMONT, C. C. **Estudo sobre informação e Jornalismo Ambiental: ecos do planeta**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MORAES, Cláudia H. de. **Rio+ 20 entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos nas revistas brasileiras**. Bauru, SP: Canal, 2016.

MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. **MMA e ICMBio divulgam novas listas de espécies ameaçadas de extinção**. 2014. Site com o intuito de valorização da conservação ambiental. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/4-destaques/6658-mma-e-icmbio-divulga-novas-listas-de-especies-ameacadas-de-extincao>. Acesso em: 13 set. 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas - SP: Papyrus, 2005.

PETER, Nelson. **Dez dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente**. Washington: Copyright, 1994. International Center For Journalists.

PEREIRA JUNIOR, Luiz costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 3. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, v. 14, n. 1-2, p. 277-294, 2000. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5512>. Acesso em: 29 out. 2019.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

RESENDE, Ana Cláudia de Freitas. **Globo Repórter: um encontro entre cineastas e a televisão**. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado, Belo Horizonte, EBA/UFMG. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VPQZ-75VJZT/1/globo_repp_rter___um_encontro_enre_cineastas_e_a_televis_o_.pdf. Acesso em 01 de outubro de 2020.

SCHMITZ, Aldo. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no Jornalismo**. Florianópolis: Editora Combook, 2011. Disponível em: https://iscom.com.br/wp-content/uploads/2017/08/ebook_Fontes_noticias_Aldo_Schmitz.pdf. Acesso em: 29 out. 2019.

SCHWAAB, Reges Toni. A sustentabilidade na pauta: apontamentos para a leitura deste discurso. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 7, n. 13, p. 73-95, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/153>. Acesso em: 25 set. 2019.